



## Consonâncias e dissonâncias do feminino em narrativas curtas

LOUREIRO, Daniela Gomes, OLIVEIRA, Bella Beatriz Martins Gomes de, GOMES, Eva de Mercedes Martins. *Mulheres de papel em Machado de Assis, Clarice Lispector e Charlotte Perkins Gilman: a presença feminina na literatura*. 1. ed. Campo Grande: Editora Oeste, 2022. 88 p.

A representação feminina é um assunto que tem se tornado recorrente em ensaios, artigos, dissertações, teses e em uma infinidade de livros. Esse é também o foco da obra *Mulheres de papel em Machado de Assis, Clarice Lispector e Charlotte Perkins Gilman*, de autoria de Daniela Loureiro, Bella Beatriz Oliveira e Eva Gomes.

Empregando uma abordagem comparatista aliada a teorias feministas, as autoras analisam as protagonistas dos contos “Dona Paula”, de Machado de Assis (1839-1908), “A fuga”, de Clarice Lispector (1920-1977) e “O papel de parede amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), destacando as relações entre a literatura e o mundo social, salientando “eventos insólitos que conduzem as personagens à angústia, à dor e ao sofrimento” (LOUREIRO, OLIVEIRA, GOMES, 2022, p. 14), e desvelam figuras femininas oprimidas pelo patriarcado, confinadas a um espaço doméstico do qual buscam se libertar, muitas vezes, sem sucesso.

### Resenha

Altamir Botoso\*

ORCID: 0000-0003-3231-2351

E-mail: abotoso@uol.com.br

Recebido: 13/02/2023

Aprovado: 16/07/2023

O presente estudo encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro, “A presença feminina na literatura”, vislumbra-se o enfoque teórico e um panorama das teorias relacionadas à crítica literária feminista, envolvendo questões de gênero, dominação, poder e ainda relativas a concepções da literatura comparada, as quais dão sustentação às aproximações, semelhanças e divergências das personagens centrais dos contos selecionados como *corpora* da pesquisa proposta.

O capítulo segundo, “Mulheres de papel em Machado de Assis: casamento e insatisfação”, centra-se nas personagens Paula e Venancinha, do conto machadiano “D. Paula”, abrangendo a temática do adultério e as maneiras pelas quais as mulheres lidavam com essa questão, em uma sociedade extremamente conservadora e regida por princípios patriarcais, que culminava os representantes do sexo masculino com todas as regalias e benesses e, em contrapartida, punia e condenava severamente as mulheres por qualquer falta ou deslize e isso comprova que “[e]xistiam dois lados

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Campus de Assis-SP e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS.

do adultério: o que era aceito pela sociedade (praticado pelos homens) e o condenado e passível mesmo de morte” (LOUREIRO, OLIVEIRA, GOMES, 2022, p. 55), quando efetuado pelas mulheres.

O tópico do adultério tratado nesta parte do livro das pesquisadoras brasileiras tornou-se recorrente como tema literário no século XIX, “quase sempre figurando o adultério da esposa [...]” (OVERTON apud MONTEIRO, 2011, p. 1708), com a sua consequente punição, conforme se pode observar em *Anna Karenina*, de Liev Tolstói (1828-1910), *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880), *O primo Basílio*, de Eça de Queirós (1845-1900), dentre outros.

Todas essas narrativas terminam com as mortes de suas protagonistas, de maneira a ressaltar os postulados patriarcais, segundo os quais a mulher adúltera é pecadora, denigre o seu lar e deve pagar um alto preço por isso, “enquanto à figura masculina tudo é permitido”, inclusive “o direito de destruir, aniquilar a mulher que incorresse em adultério” (BOTOSO, 2014, p. 321).

Em “Mulheres de papel em Clarice: da epifania à fuga/conformação”, título do terceiro capítulo do ensaio em apreço, nota-se um empenho em elucidar e desvelar a intimidade da personagem principal do conto “A fuga”, de Clarice Lispector, dividida entre as obrigações com o lar, a família e o desejo de liberdade.

É válido apontar que, de forma recorrente, as narrativas clariceanas apresentam um ponto em comum: a epifania das personagens, momento em que se desnudam novas possibilidades para estas, oportunidades para mudar os rumos de suas vidas, mas elas acabam se conformando com o próprio destino ou então o relato se encerra e o leitor fica sem saber se tais personagens, efetivamente, foram capazes de ir em frente e aproveitaram a chance para se transformar e alterar substancialmente suas trajetórias na narrativa.

Percebe-se que as mulheres de Lispector denunciam o cotidiano feminino exasperante em um universo comandado pelo elemento masculino, que condena e confina a mulher ao espaço doméstico, redutor e causador da sua infelicidade, da sua insatisfação, como no caso de Elvira, de “A fuga”, que se sente “consumida pelo desvario, [...] incapaz de exercer a própria individualidade para encontrar sua identidade no mundo” (LOUREIRO, OLIVEIRA, GOMES, 2022, p. 66).

Finalmente, o último capítulo (IV), “Mulheres de papel em Gilman: entre a submissão e a alucinação”, traz a análise do relato “O papel de parede amarelo”, da escritora norte-americana Charlotte Perkins Gilman, o qual lança luzes a respeito das emoções, sentimentos e alterações que se notam no trajeto da sua personagem central, Else, a qual, paulatinamente, vai enlouquecendo, ao se ver cada vez mais oprimida pelo marido, segregada e isolada em uma casa, cujas janelas têm grades, transformando-se em uma prisão, que angustia e a conduz a um estado de desequilíbrio, infelicidade, insatisfação e do qual não se verifica nenhuma saída possível, a não ser por intermédio da loucura, única via de liberdade em uma situação tão exasperante.

Ainda no tocante à história de Else, observa-se um convite para as mulheres para reagirem, para deixarem de lado a passividade e empreender esforços para se verem livres das algemas do sistema patriarcal:

[...] toda mulher conhece o papel de parede amarelo e seu bizarro padrão. Muitas o rasgam e saem de dentro dele num ato de transgressão cujo preço é conhecido. Contemplá-lo e rasgá-lo são atos de desconstrução que podem levar além da casa. Sair dela continua não sendo fácil, mas é o convite que Gilman, em seu generoso gesto literário, nos faz ainda hoje. (TIBURI, 2016, p. 10).

A tônica dos textos analisados evidencia matizes das figuras femininas que instigam o aventurar-se para além do ambiente interno da casa e lançar-se ao espaço do desconhecido, das infinitas possibilidades que o mundo oferece, sem depender ou temer os porta-vozes do patriarcado, dominadores, irascíveis e, na maioria das vezes, incapazes de aceitar a igualdade de gêneros e de direitos e o fato de que a felicidade, ou pelo um equilíbrio mais duradouro, só será possível quando um ser humano não se julgar superior ou melhor que o outro.

Um dos focos de convergência entre os contos estudados é a constatação de que todos se edificam a partir de uma personagem protagonista mulher, da classe média, casada e presa a um *locus* interno, o do lar e as suas obrigações e redução a uma vida insípida, sem horizontes e muito difícil de ser transposto, culminando em situações-limite, em que as personagens têm que decidir se abandonam ou não o estado de inércia em que se encontram, para romper com padrões fossilizados, atingir outros patamares, conquistar a liberdade e o direito de realização fora do espaço restrito que o patriarcado as condenou.

Em síntese, é possível assinalar que *Mulheres de papel em Machado de Assis, Clarice Lispector e Charlotte Perkins Gilman* é uma contribuição valiosíssima para os estudos de literatura comparada e, em específico, a respeito da representação feminina e cuja leitura certamente instigará novas pesquisas, novos estudos críticos não só no âmbito da ficção do passado, mas também naquela produzida na contemporaneidade, na qual cada vez mais se problematizam os posicionamentos retrógrados, as posturas repressoras e se procuram mudanças e alterações no papel feminino, seja no território da ficção, seja no que tange a sua atuação dentro da sociedade do século XXI.

## Referências

BOTOSO, Altamir. O romance do adultério: uma leitura de O primo Basílio, de Eça de Queirós. *Fólio* – Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 299-321, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3019/2520>. Acesso em: 11 fev. 2023.

MONTEIRO, Maria Conceição. O romance e o casamento: cenas de desejo erótico feminino. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. 2011, p. 1706-1719.

TIBURI, Marcia. A política sexual da casa (Apresentação). In: GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo*. Tradução de Diogo Henriques. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016, p. 5-10.